

**CORPOS QUE FALAM, CORPOS QUE CALAM: UM ESTUDO  
COMPARATIVO DAS PERSONAGENS RYMENHILD, DE *KING HORN*, E A  
DONZELA, DE *ARMER HEINRICH*, DE HARTMANN VON AUE**

*Gabriela da Costa Cavalheiro\**

*Daniele Gallindo Gonçalves Silva\*\**

**Resumo:** *Nas últimas décadas o meio acadêmico tem assistido uma inflação de contribuições no que tange à temática do corpo. São trabalhos vários que versam sobre toda e qualquer manifestação corporal. Pretendemos, desse modo, revisitarmos as discussões acerca do corpo nas teorias pós-modernas e em alguns discursos medievais e a posteriori apresentar uma análise comparada da figuração do corpo de duas personagens femininas da literatura cortês dos séculos XII e XIII. Como eixos temáticos para tais análises estão a sedução e a rebelião.*

**Palavras-chave:** *História do Corpo; Estudos de Gênero; Estudo Comparativo; Estudos Medievais.*

## **I. (Re)pensando o corpo como categoria de análise**

*Meu corpo não é meu corpo,  
é ilusão de outro ser.  
Sabe a arte de esconder-me  
e é de tal modo sagaz  
que a mim de mim ele oculta.*  
Carlos Drummond de Andrade

Nas últimas décadas, houve um crescente aumento de estudos envolvendo a temática do corpo. Em uma perspectiva culturalista, surgem trabalhos acerca do corpo relacionados a numerosas outras categorias como o gênero e o espaço, por exemplo. Na medievística, entendendo-se, aqui, toda e qualquer área do conhecimento que tenha como foco de pesquisa o medievo, as discussões centram-se no corpo como texto,

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), bolsista CAPES.

\*\* Doutoranda do *Lehrstuhl für Deutsche Philologie des Mittelalters*, bolsista DAAD.

aquele descrito e pensado por trovadores, teólogos, cronistas e outros. O corpo-texto abre espaço para se pensar a ação do discurso no imaginário medieval.

Desde o início da década de 1990, a discussão acerca do que vem a ser cultural tomou o meio acadêmico de tal forma que um Centro de Estudos Culturais foi fundado na Inglaterra, e, na Alemanha, foi proposta a substituição da nomenclatura *Geisteswissenschaft*, que em ambiente acadêmico brasileiro é compreendida como Ciências Humanas, por *Kulturwissenschaft* [Ciências Culturais]. Embora baseados na premissa de que a cultura seria uma categoria de análise, ambos os movimentos possuem diferenças básicas e nuances discursivas por vezes díspares. Pensar o corpo como uma categoria construída sócio-culturalmente prevê lê-lo em espaços de saberes construídos historicamente em redes de poderes.

Uma primeira discussão acerca do corpo fora do cientificismo médico-biológico foi proposta pelo antropólogo Marcel Mauss, que interpreta o corpo como “o primeiro e mais natural objeto técnico e, ao mesmo tempo, o meio técnico do ser humano” (MAUSS, 1936, p.10).<sup>1</sup> Segundo o autor, o corpo seria moldado socialmente através de técnicas que são definidas como “uma ação tradicional e eficaz” (MAUSS, 1936, p.9).<sup>2</sup> Dentro da perspectiva sociológica, não centrada na questão do corpo, mas sim na leitura de um processo civilizador, Norbert Elias assevera que o corpo está intimamente envolvido neste processo (ELIAS, 1997, p.157-394). Por não ser o seu objeto de estudo, a definição de corpo, para Elias, se delineia nas entrelinhas de seu discurso. Desta forma, subentende-se a noção de corpo como sendo “uma entidade biológica e social inacabada que requer um longo processo de educação antes de ser totalmente aceita na sociedade”,<sup>3</sup> o que, nas palavras de Chris Shilling, delimitaria o conceito de “corpo civilizado” (SHILLING, 1994, p.150).

Em meados dos anos de 1970, o acadêmico francês Michel Foucault esboçou em seus escritos uma leitura do corpo, já como categoria de análise, dentro das dinâmicas das relações de poder e dos processos históricos, colocando-o como objeto manipulado por uma “maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe” (FOUCAULT, 2009, p.133). Assim sendo, o corpo foi (é) alvo de “limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 2009, p.132) de controle e disciplina, não apenas de sua materialidade biológica, mas também de seus movimentos, gestos e significações, estando, ainda, todos estes elementos articulados aos momentos históricos

de sua produção. O autor prevê, portanto, a materialidade dos corpos, sua substância pré-discursiva, aquela à qual comumente denominamos biológica.

Assimilando as assertivas de Foucault, a teórica feminista Judith Butler problematiza, porém, a “universalidade” daquele corpo, atribuindo-lhe seu caráter sexual, e, por conseguinte, compreendendo-o dentro das dinâmicas do gênero. Em suas palavras, “gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes” (BUTLER, 2008, p.29). Desse modo, Butler desarticula a materialidade do corpo, deslocando sua existência pré-discursiva para o universo da interpretação cultural, de maneira que propõe uma nova formulação da matéria corpórea como efeito de dinâmicas de poder, o que indissocia sua materialidade das normas regulatórias que a governam e a significam (BUTLER, 1993, p.27-55).

Tendo em vista esta pequena apresentação teórica acerca dos conceitos de corpo no paradigma pós-moderno, como poderíamos, então, pensar o corpo em relação ao período medieval? Através de uma tentativa de escrever uma história do corpo no medievo ocidental, Jacques Le Goff, em parceria com o jornalista Nicolas Truong, apresenta um corpo envolvido pela dinâmica do carnaval e da quaresma. Os autores asseveram que a compreensão de um corpo no medievo varia entre a difamação e a glorificação (LE GOFF; TRUONG, 2005, p.26), antítese que já havia sido proposta por Vito Fumagalli em seu estudo sobre o corpo na Idade Média (FUMAGALLI, 1995). Contudo, condensar mil anos de diversificadas construções discursivas dentro dessa dicotomia – leia-se aqui o discurso como forma de comunicação, sendo as imagens também entendidas como discurso – é negligenciar uma gama de variações que não se articulam a nenhum dos conceitos, como constatado por Caroline Walker Bynum, ao afirmar que os “escritos medievais sobre *corpus* ou *caros* – ou mesmo sobre *materia* ou *tellus* – eram tão múltiplos e multivalentes quanto os vários discursos encontrados em escritos modernos sobre o corpo” (BYNUM, 1995, p.33).<sup>4</sup>

No universo dos estudos medievais, o corpo é revisitado e analisado através de diferentes perspectivas teórico-metodológicas,<sup>5</sup> das quais algumas serão enumeradas, seguindo os objetivos analíticos do presente trabalho, isto é, a (re)leitura dos saberes sobre o corpo em romances cortesões dos séculos XII e XIII. Ressalta-se, contudo, que nem sempre há a possibilidade de se delimitar fronteiras explícitas entre as abordagens,

visto que elas se interpenetram e, por vezes, dialogam entre si. Entre os estudos mais tradicionais, isto é, que vem sendo desenvolvidos há alguns anos e que possuem grande aceitação acadêmica, estão aqueles que relacionam o corpo à alteridade e identidade. Nesse campo, este é interpretado dentro da dinâmica da observação do outro e do estranho, sendo analisado à luz de categorias como feiúra, beleza, doença, e conforme a percepção delimitada pelas encenações referentes às visões desse corpo contidas nos textos.<sup>6</sup> Outra abordagem também constantemente revisitada analisa os discursos sobre o corpo referentes à temática da sexualidade, da obscenidade e da comicidade. Nessa perspectiva, também é considerada a encenação de emoções e da própria corporeidade.<sup>7</sup> Alinhando-se a essas leituras, encontram-se os Estudos de Gênero e os *Queer Studies*, que tem como discussão central a representação e a encenação das diferenças “genderizadas” marcadas nos/pelos corpos em textos e contextos medievais.<sup>8</sup> Novamente a premissa norteadora de tais estudos centra-se no conceito de encenação, ou seja, o caráter performático do gênero. Assim sendo, o corpo acaba por materializar-se na sua construção social, percebida textualmente, através da interpretação da descrição de vestuários, hábitos alimentares, gestos e outros atos não verbais de comunicação, que acabam por constituir uma identidade.<sup>9</sup> O corpo é, então, compreendido como um portador/comunicador de sinais.<sup>10</sup>

Todas as referidas abordagens aproximam-se teoricamente na medida em que nelas o corpo é analisado dentro de uma cadeia discursiva, que se consolida através do ato performático dos corpos apresentados nos textos. Dentro dos Estudos Culturais, na perspectiva alemã, é previsto que toda e qualquer categoria de análise seja abordada a partir de uma metodologia interdisciplinar, na qual o diálogo entre diversas áreas do conhecimento possibilita resultados mais eficientes na análise do objeto a ser estudado. Destarte, particularidades literárias, históricas, antropológicas, sociológicas, ritualísticas<sup>11</sup> se unem para (re)definir espaços até então já delimitados. O corpo, nesse sentido, deixa de ser apenas um tema da sociologia ou da antropologia e passa a figurar em análises histórico-literárias, que primam por um estudo metodologicamente orientado pelo diálogo interdisciplinar e comparativista. Portanto, o corpo é compreendido como um processo, “que é tanto uma discussão com os significados transferidos no conceito de corpo, quanto com as possibilidades físicas da incorporação” (MÜLLER, 2001, p.104).<sup>12</sup>

Todavia, as preocupações em se estudar/pensar o corpo também podem ser percebidas em escritos medievais, porém não nos moldes teórico-metodológicos previamente discutidos, mas sob diferentes prismas, tal qual o médico e o eclesiástico, por exemplo. Estes colocam em pauta principalmente questões relacionadas à anatomia e ao funcionamento fisiológico das partes do corpo, fundamentadas em diferentes tradições filosóficas, como a grega, a latina e a árabe. No entanto, o corpo também recebe a atenção de discursos de outras naturezas como os romances cortesês, a lírica trovadoresca, os *fabliaux*, a hagiografia, e manuais como o *Ornatus mulierum*, que (re)elaboram interpretações sobre diferentes aspectos corpóreos, especialmente pensados dentro do universo social, das relações de poder e das percepções de gênero, por exemplo.

As tradições médica e eclesiástica medieval podem ser observadas nos escritos de diferentes autores em períodos distintos, tais como Isidoro de Sevilha (560-636), Guilherme de Conches (cerca de 1090-1150), Hildegarda de Bingen (1098-1179), Alberto Magno (cerca de 1200-1280), Bartolomeu, o Inglês (cerca de 1200-1270), Bernardo de Gordon (cerca de 1260-1310), entre outros (CADDEN, 1995, p.169-227). Ao referirmo-nos distintamente ao discurso médico e eclesiástico, não estamos separando-os de maneira indissociável, pois não há um isolamento de ambos na escrita dos referidos autores. Ou seja, por vezes aquele cuja pena descreve as funcionalidades fisiológicas do corpo é também aquele que institui, ideologicamente, as interpretações pertinentes à esfera religiosa na compreensão daquelas funções corporais e em sua inscrição no meio social. Assim, havia discursos de natureza eclesiástica e médica no contexto medieval que não estavam necessariamente separados por escolas de pensamento diferentes. Hildegarda de Bingen, abadessa do mosteiro de Rupertsberg, em Bingen am Rhein, ao escrever o *Scivias*, alude às diferenças entre o pênis e o útero para esclarecer o porquê da circuncisão dos homens nas leis antigas e suas explicações abarcam ainda questões relativas à passividade/atividade e suas implicações no convívio social de homens e mulheres, isto é, suas pré-disposições para determinados tipos de tarefa e que estão, por conseguinte, associadas à concepção cristã da autora sobre o universo natural (CADDEN, 1995, p.177-8).

Ao passo que empregavam subseqüentes interpretações aos funcionamentos do corpo, os referidos autores recorriam às “autoridades”<sup>13</sup> para reforçar suas leituras,

utilizando-se, para tanto, principalmente, dos escritos de Aristóteles e Galeno. Segundo Joan Cadden “o poder exercido por autores antigos sobre as visões medievais acerca das diferenças sexuais e da reprodução não era, de forma alguma, trivial, mas também não era absoluto” (CADDEN, 1995, p.12),<sup>14</sup> de modo que os escritos aristotélicos e galenianos não se constituíram de forma imperativa sobre os discursos das Escrituras e da patrística, houve empréstimos e fusões de diversas visões.

Nossa proposta de análise comparativa do corpo<sup>15</sup> parte do pressuposto de que estaremos diante de corpos “genderizados”, isto é, teremos como objeto de estudo duas figuras femininas referentes a dois romances dos séculos XII e XIII, no medievo europeu, a saber, respectivamente, a donzela do romance *Armer Heinrich* (“Pobre Henrique”), de Hartmann von Aue, e a dama Rymenhild, de *King Horn*, cuja autoria é anônima.<sup>16</sup> Desse modo, evidenciaremos, adiante, apenas alguns dos aspectos referentes aos discursos sobre o corpo dispersados no período medieval, isto é, aqueles relacionados aos saberes sobre a diferença sexual, ou seja, ao gênero.<sup>17</sup>

Thomas Laqueur afirma que as implicações da percepção das diferenças sexuais entre homens e mulheres, da observação por aqueles autores medievais – e os antigos – residem nas leituras do gênero e não primariamente nos fatores fisiológicos. Segundo o autor, “ser homem ou mulher era manter uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural, e não *ser* organicamente um ou outro de dois sexos incomensuráveis” (LAQUEUR, 2001, p.8). Para lançar tal hipótese, o autor pauta-se na idéia do sexo único, isto é, embora a diferença sexual entre homens e mulheres fosse percebida pelos diferentes autores – vide Galeno e Aristóteles, ambos abordados nas análises de Laqueur e Joan Cadden – essas diferenças estavam marcadas de fato no âmbito discursivo, isto é, “a linguagem marca essa diferença sexual”.

Seguindo uma linha de argumentação diferente, a historiadora Joan Cadden, no que tange às leituras do corpo em seu aspecto “genderizado”, afirma que os escritos medievais de natureza médica evidenciam percepções distintas na fisiologia feminina e masculina, o que implicará também na atribuição de funções diferentes para os corpos em sua inscrição no universo social e na constituição de uma visão binária dos sexos (CADDEN, 1995, p.1-10). Elementos como passividade e atividade estão, segundo os estudos da autora, diretamente associados aos aspectos fisiológicos do corpo, de modo que a passividade feminina está relacionada ao caráter mais úmido e frio de sua

anatomia, ao passo que a atividade masculina está ligada ao calor e à secura de seu corpo. Destarte, afirma Cadden, “os esforços empreendidos pelos autores medievais, tanto dentro quanto fora da disciplina médica e da filosofia natural, para explicar e rotular as coisas em termos de uma linguagem binária, confirmam que os dois sexos [masculino e feminino] marcam de fato uma profunda e significativa divisão do mundo” (CADDEN, 1995, p.281).<sup>18</sup>

## II. Por uma leitura do corpo feminino como forma de poder

### II. 1. Corpo e sedução

Compilado em inglês médio,<sup>19</sup> em 1225, *King Horn* narra as aventuras e desventuras do jovem príncipe Horn, enquanto parte de seu processo de amadurecimento e inserção num universo caval(h)eiresco-cortês idealizado, assimilado à maneira insular.<sup>20</sup> A presença de diálogos constantes, de pouca preocupação descritiva, seja da psique das protagonistas ou das ações das demais personagens, bem como dos rituais cortesês, são aspectos que empregam ao romance um caráter cênico, que se deve, também, à dinamicidade dos episódios narrativos. Contudo, será nas figuras específicas de Horn e Rymenhild, a dama que por ele se apaixona, que o autor<sup>21</sup> esboçará maior preocupação em demarcar seus corpos e atuações.

Tão logo surge na trama do romance, à jovem princesa do reino de Westernesse, local do primeiro exílio de Horn, é atribuído o maior amor pelo príncipe e protagonista da narrativa, mas não um sentimento qualquer, e sim o maior de todos “dentro e fora da corte e em todos os cantos ao redor”.<sup>22</sup> As implicações desse amor tomarão formas diversas durante o romance, a saber, os meios pelos quais os personagens de Horn e Rymenhild poderão dar vazão aos seus desejos e também as formas de controle e regulação de uma ordem social intimamente relacionada ao universo cortês. Nesse sentido, serão seus corpos os palcos e/ou atores das manifestações dos desejos e das ações de ambos os personagens, manifestações estas que tomarão duas formas discursivas, a da voz e a dos gestos.

O amor não assume uma forma substantiva no decorrer do romance, como um sentimento cuja autonomia pudesse ser colocada através de um vocábulo único, denominador, mas, ao contrário, tal sentimento somente torna-se viável através das falas

das personagens, como um verbo, tal qual nas linhas em que Rymenhild se declara ao príncipe, “Horn, ela disse, por um longo tempo eu tenho te amado imensamente”.<sup>23</sup> A dinamicidade do sentimento expande-se gradativamente à movimentação do corpo de Rymenhild, que o sente de forma orgânica e quase patológica, uma vez que seus anseios e impulsos figuram de forma violenta e intensa, levando-a ao delírio e à loucura, conforme nos mostram os versos: “ela o amava tão intensamente que quase enlouqueceu”,<sup>24</sup> “pois ela começara a apresentar uma tristeza profunda, e a mensagem dizia que a dama padecia de uma doença”,<sup>25</sup> “ela ergueu os braços e caiu inconsciente”<sup>26</sup> e “agora tens tua própria vontade, liberta-me de minha dor”.<sup>27</sup>

Carícias, abraços, beijos, corpos em contato são elementos constantes durante toda a narrativa. O toque marca a continuidade dos desejos de Horn e Rymenhild, e, como ilustram os referidos versos, quando a voz cala, o corpo fala. Todavia, a movimentação do corpo da princesa não permeia a narrativa de maneira deliberada, atrás de seus passos, ou à frente deles, estão os olhos atentos e vigilantes de Athelbrus, o senescal do castelo. A essa figura são confiadas a educação dos jovens cortesãos, de ambos os sexos, e a administração de eventos relacionados ao universo cortês como os banquetes, as cerimônias de investidura e os casamentos. Athelbrus é o agente através do qual Rymenhild, que tem seu corpo sempre envolto pelos cuidados de suas seis aias, consegue se aproximar de Horn, pois “não deveria, à mesa, dirigir uma só palavra a ele, nem no salão em meio a todos os cavaleiros ou em qualquer outro lugar”.<sup>28</sup>

O senescal incorpora alguns elementos fundamentais para compreendermos a dinâmica das relações de poder em seu aspecto “genderizado”, que envolvem, também, as dinâmicas corporais dentro da narrativa. Não há impedimento quanto ao contato entre os corpos, o corpo de Rymenhild torna-se acessível aos seus anseios e desejos desde que esses impulsos não prejudiquem sua posição em um determinado contexto de atuação narrativa, isto é, sua figuração como dama, nobre e casta. Para tanto, o senescal e a princesa estão em constante processo de negociação, pois, para conseguir que Horn vá até seu quarto – espaço reservado apenas para o convívio feminino – Rymenhild presenteia Athelbrus com anéis e ouro. Em troca, o senescal leva o jovem nobre ao quarto da princesa, não sem antes verificar as reais intenções da dama, que, em suas palavras, tinha um propósito duvidoso.<sup>29</sup> Temeroso, ele envia o companheiro e melhor amigo de Horn, disfarçado como o tal, em seu lugar, mas, tão logo a princesa percebe



estar sendo engana, esbraveja e ameaça mandar matá-lo, mas Athelbrus implora o perdão da bela dama, caindo sobre o chão.<sup>30</sup> É nesse momento que ele revela seu papel como tutor e representante dos interesses de Aylmar, o “bom rei”,<sup>31</sup> pai de Rymenhild, que cerceia, através da figura do senescal, o comportamento de sua filha, a qual deve ser guardada para intenções posteriores, sejam elas o casamento com algum nobre de alta linhagem. Desse modo, Athelbrus coloca-se como gerenciador das dinâmicas de sociabilidade no universo cortês dos romances, devendo, portanto, transitar por todos os ambientes e gerir, mesmo que indiretamente, as ações – e a disposição dos corpos – da princesa, do rei e de Horn.

Dentro das dinâmicas de gênero, Rymenhild assume uma função então compreendida como masculina ao cortejar Horn (WEISS, 1991, p.149-61), revelando a ele seus desejos e pedindo que ele corresponda, sem demora, como podemos observar nos versos, “Horn (...) sem dúvida debes me tomar como tua esposa. Horn tem pena de mim e prometa-me isso”.<sup>32</sup> No entanto, o discurso de sua fala não é o mesmo de seu corpo, ao passo que, enquanto suas palavras são de súplica, seu corpo se impõe sobre o do príncipe, que, ao vê-la desmaiada diante de sua recusa, “encheu-se de pesar e (...) a pegou com seus dois braços e começou, de fato, a beijá-la bem e constantemente”.<sup>33</sup> Assim, o comportamento da princesa possui significações flutuantes no tocante aos saberes relacionados ao gênero, pois, se, por um lado, sua atuação verbal possui caracterização discursiva feminina segundo os ideais de cortesia, por outro, seu corpo se impõe, ativamente, numa postura imperativa, masculina.

Embora os mecanismos de controle estivessem presentes, especialmente para a manutenção do corpo da princesa – o instrumento através do qual sua linhagem nobre se perpetuaria – a concretização dos impulsos dos amantes não é vetada até um determinado limite, no qual as carícias e os toques não implicassem na corrupção do corpo de Rymenhild. Os elementos de sedução, dos quais ela lança mão, permeiam a violência dos desmaios, sua fala convidativa, sua beleza e seus beijos, uma prova de continência para Horn. Uma vez ultrapassado aquele limite, através da passagem em que o rei encontra o príncipe “abraçado ao seio de Rymenhild”,<sup>34</sup> o jovem nobre é expulso do reino e enviado ao exílio novamente, como castigo, sendo chamado, pelo monarca, de “ladrão tolo”.<sup>35</sup> Assim, o corpo de Rymenhild atua, seduz e é seduzido,

sofrendo, também, as intempéries das governanças relativas ao universo social no qual está inscrito.

## II. 2. Corpo e rebelião

A obra em versos de Hartmann von Aue, *Armer Heinrich*, traz em suas rimas pareadas a história de um *herr* (senhor), Heinrich, que, ao contrair lepra,<sup>36</sup> se isola socialmente na casa dos *vri̇er bûman* (camponeses livres – v.269) e lá receberá os cuidados de uma *maget* (donzela – v.302).<sup>37</sup> O narrador nos apresenta uma criança de oito anos de idade (v.303),<sup>38</sup> cuja beleza poderia ser a da filha de alguém de alta posição social (v.313). Todas as suas qualidades, na condição de filha de um camponês, apontam, por um lado, para o conceito cristão de *caritas*, uma vez que a dedicação da donzela ao seu senhor beira a total abnegação. Por outro lado, aquela beleza não seria comum a alguém de *status* inferior, e sim de origem nobre. Esse corpo pode ser visto, portanto, como um corpo dócil que se doa ao outro e cuja beleza interior reflete diretamente no físico, no exterior.<sup>39</sup>

Após três anos vivendo em função de seu senhor, com plena dedicação e docilidade, a jovem ouve uma conversa entre Heinrich e seus pais, na qual o senhor explica que tentara de todas as formas a cura. Contudo, um médico lhe havia alertado para o fato de que somente Deus ou uma donzela em idade para se casar, e que de livre vontade quisesse morrer por ele e assim dar-lhe o sangue de seu coração, poderiam curá-lo (v.444-452).

Em um primeiro momento, a donzela afirma ser ela própria um bom remédio para seu senhor, que poderá livrá-lo da dor (v.558-564), ao passo que seu pai atenta para o fato de sua inexperiência diante da morte, ameaçando castigá-la corporalmente se a mesma insistisse nesta decisão (v.573-588). Ao responder aos pais que a morte seria a entrada para a vida eterna, a filha se coloca em conformidade com o discurso das escrituras, o que *a priori* leva a entender sua decisão de morrer como religiosamente motivada. Ela pretende, com sua morte, promover algum bem para si e para os pais, pois estes estariam arruinados caso o senhor morresse (v.593-628). Numa primeira interpretação, a motivação da donzela parece unicamente religiosa, ou seja, salvar o senhor do sofrimento e os pais da ruína, mas uma análise mais cuidadosa de outras passagens do texto permite-nos aferir que seu corpo se transforma num *locus* de revolta

contra o sistema social em que se inscreve, ao mesmo tempo em que se configura como uma espécie de fuga do mesmo.

A mãe da jovem lança mão, em suas falas, do quarto mandamento “honrar pai e mãe” (v.640-646) como pretexto para dissuadir a filha de sua intenção. No entanto, a donzela se dispõe a ir adiante em sua decisão. Para isso, ela discursa sobre as diferenças entre a vida terrena e a vida celestial, na eternidade, afirmando, ainda, ser a morte uma anuladora de todas as diferenças (v.708-721). Neste momento, a donzela profere uma das falas que mais suscita discussão e que possibilitará a análise posterior acerca de sua revolta: “o mundo não me agrada tanto assim”.<sup>40</sup> Mais uma vez seu discurso poderia ser lido estritamente em conformidade com os discursos religiosos vigentes no contexto medieval, especialmente aqueles acerca da perda da alma, em conseqüência do enaltecimento da vida mundana, porém as próximas argumentações conduzem a outra interpretação.

*belîbe ich âne man bî iu  
zwei jâr ode driu,  
sô ist mîn herre lîhte tôt,  
und komen in sô grôze nô  
vil lîhte von armuot,  
daz ir mir selhez guot  
zeinem man niht muget geben,  
ich enmüeze alsô swache leben,  
daz ich iu lieber wære tôt.  
nû geswîge wir aber der nô,  
daz uns niht enwerre  
und uns mîn lieber herre  
wer und alsô lange lebe,  
unz man mich zeinem manne gebe,  
der riche sî unde wert:  
sô ist geschehen, des ir dâ gert,  
und wænet, mir sî wol geschehen.  
anders hât mir mîn muot verjehen.  
wirt er mir liep, daz ist ein nô;  
wirt er mir leit, daz ist der tôt,  
sô hân ich iemer leit  
und bin mit ganzer arbeit  
gescheiden von gemache  
mit maneger hande sache,  
diu den wîben wirret  
und sî ze vreuden irret.  
Nû setzet mich in den vollen râ,*

*Fique eu sem marido convosco  
por dois ou três anos,  
meu senhor estará provavelmente morto,  
e nós talvez cheguemos a uma tal miséria  
por causa da pobreza,  
que vós nao poderíeis me dar  
em casamento nenhum dote correspondente  
ou teria que viver então pobremente,  
que para vós seria melhor, que eu estivesse  
morta.  
Porém, nao falemos da miséria,  
de que algo nos aconteça  
e meu querido senhor permaneça conosco  
e viverá por muito tempo,  
até que me entreguem a um homem,  
que seja rico e valoroso:  
assim se passaria o que vós desejais,  
e pensais, que teria sido bom para mim.  
Meu coração me conta de outro modo  
Se ele gostar de mim, isso traz aflição.  
Se ele me fizer sofrer, é a morte.  
Assim eu sempre sofrerei,  
e com tanta tribulação  
estarei separada das comodidades  
com tantas coisas,  
que afligem as mulheres  
e perturbam sua alegria.*

*der dâ niemêr zergât.  
 mîn gert ein vrîer bûman,  
 dem ich wol mînes lîbes gan.  
 zewâre, dem sult ir mich geben,  
 sô ist geschaffen wol mîn leben.  
 im gât sîn phluoc harte wol,  
 sîn hof ist alles râtes vol.  
 da enstirbet ros noch daz rint,  
 da enmüent diu weinenden kint,  
 da enist ze heiz noch ze kalt,  
 da enwirt von jâren niemen alt  
 (der alte wirt junger),  
 da enist vrost noch hunger,  
 da enist deheiner slahte leit,  
 da ist ganziu vreude âne arbeit.  
 ze dem wil ich mich ziehen  
 und selhen bû vliehen,  
 den der schûr und der hagel sleht  
 und der wâc abe tweht,  
 mit dem man ringet unde ie ranc.  
 swaz man daz jâr alsô lanc  
 dar ûf gearbeiten mac,  
 daz verliuset schiere ein halber tac.  
 den bû den wil ich lâzen:  
 er sî von mir verwâzen. (v.747-  
 798)*

*Agora dai-me o completo sustento,  
 que nunca passa.  
 Pede-me a mão um camponês livre,  
 ao qual eu queira muito me dar.  
 Conscientemente vós me deveis dar a ele,  
 pois assim minha vida estará assegurada.  
 Seu arado lavra muito bem,  
 seu celeiro está repleto de provisões.  
 Lá não morrem nem garanhões nem gado,  
 lá não há dissabores com crianças a  
 chorar,  
 lá não é nem demasiadamente quente nem  
 frio,  
 lá ninguém envelhece em anos  
 (o mais velho rejuvenesce)  
 lá não há geadas nem fome,  
 lá não há nenhuma espécie de sofrimento,  
 lá existe alegria total sem trabalho.  
 Para lá eu quero me dirigir  
 E evitar qualquer propriedade,  
 sobre a qual a borrasca e o granizo se  
 abatem,  
 e a inundação continua a agitar,  
 contra o que se luta e sempre se lutou.  
 O que se pôde conseguir nela  
 por um ano inteiro,  
 uma metade de dia põe rapidamente a  
 perder.  
 Quero deixar tal propriedade;  
 Ela é amaldiçoada por mim.*

Em sua fala, a donzela deixa transparecer uma forma de rebelião contra a situação feminina dentro dessa ordem social,<sup>41</sup> fato que, com sua morte, pretende evitar. Sendo assim, ela se opõe às implicações, condições e obrigações da vida matrimonial (convivência com o marido, o problema para pagar o dote feminino, o casamento arranjado, a possibilidade de ascensão social pelo casamento), da maternagem e da maternidade, bem como da sua condição sócio-econômica campesina. Fato esse que se ratifica através de uma ironia textual,<sup>42</sup> pois há dificuldades em se acreditar que uma propriedade rural esteja totalmente resguardada das calamidades naturais, como a donzela mais adiante revela, e, posteriormente, nega, dizendo não querer fazer parte desse mundo, amaldiçoando-o. A mesma ironia repete-se quando a personagem revela não haver morte, mas sim o contrário, o rejuvenescimento. Tal propriedade e tais

condições remetem a uma utopia que logo será desfeita com a posterior imagem da destruição.

Numa tentativa quase desesperada de fugir de seu inevitável fim, da sua condição feminina, a donzela lança mão novamente de um discurso religiosamente fundamentado: ela deve ser obediente aos pais, mas sua fidelidade deve ser prioritariamente consigo, pois aquele que é fiel a si, é fiel a Deus, ninguém pode dissuadi-la de ser fiel ao seu senhor e a si mesma (v.820-843). A morte é, para a donzela, a única forma de fugir dessa ordem social, à qual ela não quer pertencer: “seremos curados pela morte e eu mais do que vós”.<sup>43</sup> Seu corpo é, dessa forma, a única maneira de poder exercer o controle, pois, através dele e com ele, ela pode ousar fugir de sua vida, de sua condição feminina. Ela cria para si uma imagem virtual de um corpo salvo das mazelas femininas numa sociedade em que não há um lugar dentro do cânon para um corpo desfavorecido, salvo a marginalidade. Um corpo puro que permanece puro através da morte. Um corpo que se rebela contra a ordem social e cria uma anti-ordem, na qual pode haver um lugar para o feminino, pois, segundo a própria donzela, a morte iguala a todos. Esse corpo deixa de ser um corpo sexuado, marcado pelas intemperanças, para existir na igualdade do celestial. O corpo virgem possibilita à donzela “adquirir” um espaço virtual de paridade, que só existe no âmbito discursivo.

Na seqüência ambos, donzela e senhor, seguem para Salerno, para que o sacrifício seja realizado. O som da faca sendo afiada atíça a curiosidade de Heinrich, que resolve procurar uma fresta para poder observar. Ao visualizar o belo corpo da donzela (v.1233), ele retrocede em sua decisão e pede que o sacrifício seja interrompido. A donzela reage com total insatisfação, pois sua tentativa de controle de seu corpo foi frustrada, ela grita, insulta e bate contra o próprio corpo (v.1284-1288). O próprio narrador ironiza sua situação:

*Swie vil sî vliëche unde bete  
unde ouch scheltens getete,  
daz enmohte ir niht vrum wesen:  
sî muose iedoch genesen.  
(v.1333-1336)*

*Tanto ela suplicava e pedia  
e também esconjurava,  
isso nada lhe pode trazer de útil:  
Ela teria de permanecer viva.*

Em sua penúltima fala, a donzela culpa Heinrich pela perda que sofrerá, pois a vida eterna lhe fora arrebatada pela atitude “covarde” do senhor (v.1290-1304). Já na

última fala que lhe é atribuída no texto, ela se coloca de forma destemida como um homem,<sup>44</sup> comparando-se, assim, a Heinrich, que seria um covarde,<sup>45</sup> culpando-o pela perdição de ambos (v.1310-1330d). Sua tentativa de autocontrole através da utilização de seu corpo como ponto de fuga para a ordem social pré-estabelecida fracassara. Nesse momento, a donzela se cala. À personagem não é atribuída mais nenhuma palavra. Sabe-se que a mesma casa-se com Heinrich a pedido desse, contudo, seus gestos, suas reações, sua fala, manifestam-se através de um vazio, do não espaço. Como esposa de um senhor, não há mais rebelião, sua voz calou-se nas lacunas textuais, o domínio de seu corpo virgem, passa a ser operado pelo outro. Sua voz de rebelião silenciou-se no momento em que seu *status* social modifica-se. Ela não é mais a virgem que pode exercer poder através de seu corpo, mas é a esposa dócil de seu senhor, que possibilita aos pais a ascensão social e a manutenção de uma ordem pré-estabelecida. Todavia, ressaltamos que o manuscrito B encerra-se de forma diferente, no qual a rebelião da donzela ainda pode, de certa maneira, ecoar, pois o casamento de ambos não é consumado, permanecendo seu corpo imaculado, e, por fim, ambos vão para um convento. Desta forma, o corpo virgem ainda pode servir-lhe como forma de exercer o controle, mas uma análise mais detalhada desse corpo feminino só nos será permitido pelos discursos propagados pelas hagiografias ou legendas. O romance encerra-se com um final que nos remete muito mais aos contos de fadas: “após uma aventurada e longa vida, ambos possuíram igualmente o reino dos céus”.<sup>46</sup>

### III. Considerações finais

Longe dos ideais propagados pela lírica cortês de um corpo feminino domesticado, as duas análises aqui esboçadas demonstram que o controle corporal é uma característica intrínseca dessas duas personagens femininas. À primeira delas, a dama Rymenhild, são atribuídos, através de discursos verbais e gestuais, contornos corporais díspares se comparados às damas de romances cortesões em antigo francês, por exemplo. A figuração da jovem princesa não corresponde a um ideal cortês unicamente de passividade, pois ela atua. Seu corpo torna-se o *locus* das ações e o possibilitador de um controle sobre o masculino, seja através de sua relação com o senescal ou com o próprio Horn. Todavia, essas formas de controle sofrem nuances e gradações dispostas

pelos processos de negociação. Lembremo-nos dos presentes oferecidos ao senescal em troca de seus favores – de modo que, mesmo sob constante vigilância, os impedimentos pertinentes à concretização dos impulsos sensuais, tão bem incorporados pelo corpo de Rymenhild, devem-se mais às preocupações de caráter nobiliárquico de seu pai do que aos temores de resolução religiosa, de mácula ou pecado de uma alma que, em toda a narrativa, sequer é mencionada. O gênero que em/pelo corpo da personagem em questão se inscreve não assume uma interpretação única, como *o* masculino ou *o* feminino, congregando, desse modo, a dinamicidade que também figura naquele corpo e, por conseguinte, as nuances de um saber sobre a diferença sexual que, no universo cortês idealizado, representado, (re)criado pelo romance, se inscreve de maneira plural.

Nesse mesmo sentido, o corpo da donzela, de *Armer Heinrich*, figura como expressão de uma forma de controle, possibilitando a esta uma tentativa de rebelião dentro da ordem social da qual é parte. Sua identidade feminina se constrói em contraponto a uma identidade masculina, nesse caso, a de Heinrich, ao passo que o gênero assume uma proporção muito mais fixada, como *o* feminino – *a* donzela – diferentemente da construção discursiva a cercar a figuração de Rymenhild. Sua voz, que pode ser ouvida através de algumas de suas próprias falas, perde força no momento em que seu corpo deixa de ser um objeto de negociação, seja de seus anseios e desejos, ou das demandas de uma ordem social condicionante. Na posição de esposa, a donzela perde o controle de seu corpo e assume um papel feminino pré-determinado pela referida órbita social, o que impossibilita a inscrição de seu corpo – material, biológica e discursivamente construído – como forma de controle, uma vez que este passa, então, a ser controlado. Sob a tutela de Heinrich não lhe cabe mais qualquer tentativa de rebelião.

É através do controle de seus corpos que essas duas personagens femininas exercem o poder. Um poder que muitas vezes burla, ou tenta corromper, ordens sociais pré-estabelecidas. Através da sedução ou da rebelião, os corpos se mostram, assim, como portadores de um discurso próprio que, muitas vezes, distam de todo e qualquer outro anteriormente pré-determinado, ou seja, mais do que corpos disciplinados pelas esferas de poder cortesões, que se deixam visualizar através da propagação dos discursos, esses corpos “genderizados” indiciam estratégias de controle próprias, sem se colocarem, no entanto, à margem do universo social ao qual pertencem, isto é, eles não

se tornam corpos dissidentes. Se, por um lado, através do corpo são possibilitadas as ações de sedução, por outro lado, é através deste que toda e qualquer tentativa de negação pode se concretizar. A construção discursiva da personagem da narrativa de Horn, Rymenhild, configura-se bastante próxima da perspectiva exposta por Thomas Laqueur a respeito das visões medievais sobre o corpo, ou seja, a materialidade biológica do corpo da dama não se impõe como pré-condição para a configuração de seu(s) gênero(s), visto que este(s) assume(m) uma ambigüidade que não se fixa num único pólo de uma pré-disposição binária das interpretações do sexo. O mesmo, contudo, se constrói de maneira diferente no romance de Hartmann von Aue, no qual a materialidade corpórea da donzela surge como um pré-determinante das interpretações discursivas impostas sobre suas falas e sua atuação narrativa. Dessa forma, a inscrição de seu gênero fixa-se no âmbito das leituras *do* feminino, reiterando, como argumenta Joan Cadden, uma perspectiva medieval pautada na leitura binária das interpretações das diferenças sexuais e de sua repercussão no corpo social.

As diferenças de perspectivas que podemos observar a partir da comparação e análise de ambas as personagens, e da construção de seus corpos nas narrativas, não apontam para a reafirmação de uma ou de outra posição teórica de interpretação das visões sobre corpos “genderizados” no contexto medieval. Ao contrário, tais análises permitem-nos observar uma pluralidade de significações relativas à observação do corpo, em romances cortesês, em sua figuração dentro de relações de poder específicas e de múltiplas compreensões de gênero. A (re)leitura de perspectivas pós-modernas a respeito do estudo do corpo, permite-nos, assim, ampliar o instrumental teórico para a abordagem dessa temática, seja nos textos medievais, ou em documentos de qualquer período e em discursos de procedências diversas. Compreendemos, por fim, que, embora as percepções do gênero sejam fluidas e assumam diferentes nuances em ambos os romances, as personagens por nós selecionadas assumem, em/através de seus corpos, uma posição ativa na negociação para a concretização de seus anseios, sejam eles de qualquer natureza, uma vez que ambas encontram, em caminhos diversos, mecanismos que as permitem acionar o controle de seus próprios corpos, sem desestabilizar, no entanto, uma ordem social pré-estabelecida.



**TALKING BODIES, SILENT BODIES: A COMPARATIVE STUDY OF THE  
CHARACTERS RYMENHILD, FROM *KING HORN*, AND THE DAMSEL,  
FROM HARTMANN VON AUE'S *ARMER HEINRICH***

**Abstract:** *In the last decades the academic field has witnessed an increase of contributions related to the thematic of the body. The works vary both on methodological and theoretical perspectives of the analysis of body representations. This article, therefore, revisits a range of discussions concerning the body as a category of analysis in postmodern theories and medieval writings, and, a posteriori it presents a comparative study of the body figuration of two feminine characters from courtly romances of the 12<sup>th</sup> and 13<sup>th</sup> centuries. As thematic guide lines for the analysis are the theme of seduction and rebellion.*

**Keywords:** *Body History; Gender Studies; Comparative Studies; Medieval Studies.*

**Referências Bibliográficas:**

ANDRADE, Carlos Drummond de. As contradições do corpo. *In: Corpo. Novos poemas.* Rio de Janeiro: Record, 1999.

BARROS, José. D'Assunção. História Comparada – um novo modo de ver e fazer História. *In: Revista de História Comparada.* v.1, n.1, p.1-30, junho de 2007.

BUMKE, Joachim. **Höfische Kultur. Literatur und Gesellschaft im hohen Mittelalter.** München: DTV, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. **Cuerpos que importan. Sobre los límites materiales y discursivos del 'sexo'.** Buenos Aires: Paidós, 2008.

BURROW, J. A. **Medieval writers and their work – Middle English Literature 1100-1500.** London: Oxford University Press, 2008.

BYNUM, Caroline Walker. **Metamorphosis and Identity.** New York: Zone Books, 2005.

\_\_\_\_\_. Why all the fuss about the body? A medievalist's perspective. **Critical Inquiry.** v.22, p.1-33, 1995.

CADDEN, Joan. **Meanings of sex difference in the Middle Ages. Medicine, Science and Culture.** Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

- CAVALHEIRO, G. C. *King Horn*: um romance inglês ducentista. **Mirabilia – revista eletrônica de História Antiga e Medieval**, v.7, p.128-204, dezembro de 2007, <[http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num7/numero7\\_12.html](http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num7/numero7_12.html)>.
- CRANE, Susan. Social aspects of bilingualism in the Thirteenth century. *In*: BRITELL, R. H.; FRAME, Robin; PRESTWICH, Michael (Ed.). **Thirteenth century England IV. Proceedings of the Durham Conference, 1995**. Woodbridge: The Boydell Press, 1997, p.103-16.
- ELIAS, Norbert. **Über den Prozess der Zivilisation**. 1. Wandlungen des Verhaltens in den weltlichen Oberschichten des Abendlandes. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Über den Prozess der Zivilisation**. 2. Wandlungen der Gesellschaft Entwurf zu einer Theorie der Zivilisation. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir. História da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- FUMAGALLI, Vito. **Solitudo Carnis. El cuerpo en la Edad Media**. Madrid: Nerea, 1995.
- GREEN, Dennis Howard. **Irony in the medieval romance**. London, New York: Cambridge University Press, 1980.
- GREEN, Nancy L. Forms of comparison. *In*: COHEN, Deborah e O'CONNOR, Maura. **Comparison and History. Europe in Cross-National perspective**. Nova York: Routledge, 2004, p.41-56.
- HARTMANN VON AUE. **Der arme Heinrich**. Tübingen: Max Niemeyer, 2001.
- HERZMAN, Ronald B.; DRAKE, Graham; SALISBURY, Eve. **Four Romances of England – King Horn, Havelok the Dane, Bevis of Hampton, Athelston**. Michigan: Medieval Institute Publications (TEAMS), 1999.
- KAELBLE, Hartmut. Die Debatte über Vergleich und Transfer und was jetzt? **History.Transnational**. p.1-10, fevereiro de 2005. Disponível em <<http://geschichte-transnational.clio-online.net/forum/type=artikel&id=574>>. Acessado em 22 de outubro de 2008.
- KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. **History and Theory**. v.42, n.1, p.39-44, 2003.
- KÖNIG, Werner. **Dtv-Atlas. Deutsche Sprache**. München: DTV, 2007.

- LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicholas. **Uma história do corpo na Idade Média.** Lisboa: Teorema, 2005.
- LUHMANN, Niklas. Identitätsgebrauch in selbstsubstitutiven Ordnungen, besonders Gesellschaften. *In: MARQUART, Odo; STIERLE, Karl-Heinz (Org.). Identität.* München: Fink, 1979, p.315-45.
- MAUSS, Marcel. Les techniques du corps. **Journal de Psychologie.** v.XXXII, 15 março - 15 avril, 1936.  
<[http://classiques.uqac.ca/classiques/mauss\\_marcel/socio\\_et\\_anthropo/6\\_Techniques\\_corps/techniques\\_corps.pdf](http://classiques.uqac.ca/classiques/mauss_marcel/socio_et_anthropo/6_Techniques_corps/techniques_corps.pdf)> Acessado em 09 de setembro de 2010.
- MOOS, Peter (Org.). **Unverwechselbarkeit. Persönliche Identität und Identifikation in der vormodernen Gesellschaft.** Weimar, Wien: Böhlau, 2004.
- MÜLLER, Birgit. **Körper (De)Konstruktionen Praxen. Überlegungen zu neueren Diskursen.** Berlin: Logos, 2001.
- MÜLLER: Jan-Dirk. **Höfische Kompromisse. Acht Kapitel zur höfischen Epik.** Tübingen: Max Niemeyer, 2007.
- SCOTT, Joan W. Prefácio a *Gender and the politics of History.* **Cadernos Pagu.** v.3, p.11-27, 1994.
- SHILLING, Chris. **The body and social theory.** London, Newbury Park, New Delhi: Sage, 1994.
- VELASCO, Jesús D. Rodríguez. **Castigos para celosos, consejos para juglares.** Madrid: Editorial Gredos, 1999.
- WEISS, Judith. The wooing woman in Anglo-Norman romance. *In: FELLOWS, Jennifer; MEALE, Carol; MILLS, Maldwyn. Romance in Medieval England.* Cambridge: D.S. Brewer, 1991, p.149-61.

## Notas

<sup>1</sup> “le premier et le plus naturel objet technique, et en même temps moyen technique, de l’homme”.

<sup>2</sup> “un acte traditionnel efficace”.

<sup>3</sup> “an unfinished biological and social entity which requires a lengthy process of education before it is accepted fully into society”.

---

<sup>4</sup> “Medieval writings about corpus or caro – or even materia or tellus – were as multiple and multivalent as the varying discourses found in modern writing about the body”.

<sup>5</sup> Como prova disso consta-se a existência de volumes inteiros organizados sobre a temática do corpo na Idade Média, a saber, KAY, Sarah; RUBIN, Miri (Org.). **Framing medieval bodies**. New York: Manchester University Press, 1996; BENNEWITZ, Ingrid; KASTEN, Ingrid (Org.). **Genderdiskurse und Körperbilder im Mittelalter. Eine Bilanzierung nach Butler und Laqueur**. Münster: Lit, 2002; RIDDER, Klaus; LANGER, Otto (Org.). **Körperinszenierungen in mittelalterlicher Literatur**. Berlin: Weidler, 2002; entre outros.

<sup>6</sup> Como demonstram as obras de BYNUM, Caroline Walker. **Jesus as a Mother. Studies in the spirituality of the High Middle Ages**. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1984; KRAUSE, Burkhardt (Org.). **Fremdkörper – Fremde Körper – Körperfremde. Kultur- und literaturgeschichtliche Studien zum Körperthema**. Stuttgart: Helfant, 1992; BYNUM, Caroline Walker. **Metamorphosis and identity**. New York: Zone Books, 2001, dentre outros.

<sup>7</sup> Conforme os trabalhos de BEUTIN, Wolfgang. **Sexualität und Obszönität. Eine literaturpsychologische Studie über epische Dichtungen des Mittelalters und der Renaissance**. Würzburg: Königshausen & Neumann, 1990; SHAW, Teresa M. **The burden of the flesh. Fasting and sexuality in early Christianity**. Minneapolis: Fortress, 1998; BULLOUGH, Vern. L.; BRANDAGE, James A. (Org.). **Handbook of medieval sexuality**. New York: Garland, 2000; KARRAS, Ruth Mazo. **Sexuality in Medieval Europe. Doing Unto Others**. New York, London: Routledge, 2005.

<sup>8</sup> A saber nas obras de CADDEN, Joan. **Meanings of sex difference in the middle ages. Medicine, science, and culture**. New York: Cambridge University Press, 1995; GAUNT, Simon. **Gender and Genre in Medieval French Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995; STERLLINGHELLENBRAND, Alexandra. **Topographies of Gender in Middle High German Arthurian Romance**. New York: Garland, 2001; BENNEWITZ, Ingrid (Org.). **Lektüre der Differenz. Studien zur Mediävistik und Geschlechtsgeschichte**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2002.

<sup>9</sup> De acordo com Niklas Luhmann, dentro da sociedade medieval, a identidade social e pessoal estão intimamente relacionadas, pois a ascensão ou a mudança de *status* é limitada e o pertencimento a determinada categoria se torna assim imutável (LUHMANN, 1979, p.315-45). Se, por um lado, a sociologia de Niklas Luhmann trabalha com a perspectiva de uma sociedade medieval estratificada e sem mobilidade, por outro lado, a literatura cria um conceito mais aberto. Nesse contexto, identidade é compreendida como pertencimento a determinado grupo social, que é reconhecido através de sinais materiais como roupas, gestos, armas dentre outros (MÜLLER, 2007, p.226-27). Todavia, como afirma Bynum, “identidade é instável, problemática, ameaçadora e ameaçada” (BYNUM, 2005, p.182) (“identity is labile, problematic, threatening, and threatened”), o que corrobora com as palavras de Joan Scott, segundo as quais “identidades e experiências são (...) fenômenos variáveis, organizados discursivamente em contextos ou configurações particulares” (SCOTT, 1994, p.18).

<sup>10</sup> Conforme em BYNUM, Caroline Walker. **Holy feast and holy fast. The religious significance of food to medieval women**. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1987; SCHMITT, Jean-Claude. **Die Logik der Gesten im europäischen Mittelalter**. Stuttgart: Klett-Cotta, 1992; MONATANARI, Massimo. **The culture of food**. Oxford, Cambridge, Massachusetts: Wiley-Blackwell, 1996; entre outros.

<sup>11</sup> Ressaltamos a existência de discussões fundamentadas acerca da existência de uma *Ritualwissenschaft* (“Ciência do Ritual”), que foi introduzida pelo Centro de Estudo do Ritual da Universidade de Heidelberg, fomentada pela DFG (Sociedade Alemã de Pesquisa), e denominada SFB 619 - “*Ritualdynamik*”, *Soziokulturelle Prozesse in historischer und kulturvergleichender Perspektive* (“Dinâmica do Ritual”, Processos sócio-culturais em perspectiva histórica e cultural comparada) Cf: <<http://www.ritualdynamik.de/>> Acessado em 22 de agosto de 2010.

<sup>12</sup> “der sowohl eine Auseinandersetzung mit den im Begriff des Körpers transportierten Bedeutungen ist, als auch mit den psychischen Möglichkeiten der Verkörperung”.

<sup>13</sup> Sobre o uso retórico da autoridade nos escritos medievais, ver MURPHY, James J. **Rhetoric in the Middle Ages: a history of rhetorical theory from Saint Augustine to the Renaissance**. Berkeley, Los Angeles, London: University of California, 1974.

<sup>14</sup> “The power exerted by ancient authors upon medieval views of sex difference and reproduction was by no means trivial, but it was far from absolute”.

<sup>15</sup> Conforme disserta Hartmut Kaelble, entende-se por comparação histórica “a procura sistemática por diferenças e semelhanças, por divergências e convergências entre vários casos de comparação. À comparação pertencem a explicação ou o desenvolvimento de tipologias de tais diferenças e semelhanças,

[e], com isto, sua contextualização” (KAELBLE, 2005, p.1) (“*die systematische Suche nach Unterschieden und Ähnlichkeiten, nach Divergenzen und Konvergenzen zwischen mehreren Vergleichsfällen. Zu dem Vergleich gehört die Erklärung oder die Entwicklung von Typologien solcher Unterschiede und Ähnlichkeiten, dabei auch ihre Kontextualisierung*“). Assim, a historiadora Nancy L. Green pontua um dos elementos que considera mais importantes dentro do método comparativo ao afirmar que este “ajuda a transformar o invisível em visível; nos auxilia a questionar nossas próprias generalizações” (GREEN, 2004, p.42) (“*helps render the invisible visible; it aids us to questioning our own generalizations*”). Ademais, conforme assevera José D’Assunção Barros, “a História Comparada consiste, grosso modo, na possibilidade de se examinar sistematicamente como um mesmo problema atravessa duas ou mais realidades histórico-sociais distintas, duas estruturas situadas no espaço e no tempo, dois repertórios de representações, duas práticas sociais, duas histórias de vida, duas mentalidades, e assim por diante. Faz-se por mútua iluminação de dois focos distintos de luz, e não por mera superposição de peças” (BARROS, 2007, p.24). Segundo Jürgen Kocka, a abordagem comparativista permite a identificação de questões e problemas que poderiam ter sido negligenciados anteriormente (KOCKA, 2003, p.40). Nesse sentido, Kocka conclui que “o ato da comparação pressupõe a separação analítica de casos a serem comparados. Contudo, isso não significaria ignorar ou negligenciar as inter-relações entre estes casos (se e na extensão de que estas existam). Pelo contrário, tais inter-relações devem se tornar parte do esquema comparativo através de sua análise como fatores que levaram a similaridades ou diferenças, convergência ou divergência entre os casos que se compara” (KOCKA, 2003, p.44) (“the act of comparison presupposes the analytical separation of the cases to be compared. But that does not mean ignoring or neglecting the interrelations between these cases (if and to the extent that they existed). Rather, such interrelations should become part of the comparative framework by analyzing them as factors that have led to similarities or differences, convergence or divergence between the cases one compares”).

<sup>16</sup> Adotamos edições críticas dos textos, para *Armer Heinrich* utilizamos HARTMANN VON AUE. **Der arme Heinrich**. Tübingen: Max Niemeyer, 2001 (=ATB 3), apoiando-nos, ainda, na tradução em língua portuguesa publicada pelo Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Júnior, disponível em <[http://www.brathair.com/revista/numeros/03.01.2003/arme\\_heinrich.pdf](http://www.brathair.com/revista/numeros/03.01.2003/arme_heinrich.pdf)>. Deve-se, contudo, atentar para o fato de que, devido à configuração, a partir de um determinado ponto, os versos não estão mais correlatos ao original, portanto, foram feitas algumas modificações na tradução dos versos de Hartmann. Para *King Horn*, lançamos mão da edição de HERZMAN, Ronald B.; DRAKE, Graham; SALISBURY, Eve. **Four Romances of England – King Horn, Havelok the Dane, Bevis of Hampton, Athelston**. Michigan: Medieval Institute Publications (TEAMS), 1999. Ressaltamos que contaremos, ainda, com a tradução do romance para o português disponível em CAVALHEIRO, G. C. *King Horn: um romance inglês ducentista*. In: **Mirabilia – revista eletrônica de História Antiga e Medieval**, Volume 7, dezembro de 2007, p.182-204, <[http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num7/numero7\\_12.html](http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num7/numero7_12.html)>.

<sup>17</sup> Se por um lado Joan Scott compreende o gênero “como o saber que estabelece significados para as diferenças corporais”, (SCOTT, 1994, p.13), que se insere dentro de contextos discursivos, sendo, ainda, um primeiro modo de significar as relações de poder (SCOTT, 1994, p.20), associando as leituras sócio-culturais do gênero à materialidade biológica do sexo, por outro, Judith Butler assevera que “não faz sentido definir gênero como a interpretação cultural do sexo” (BUTLER, 2003, p.25). Assim sendo, Butler afirma ser o sexo uma normativa delimitada a partir de leituras próprias de uma dada cultura e de relações de poder específicas (BUTLER, 2008, p.18). Dessa forma, embora ambas as autoras apresentem diferenças marcantes no que tange às interpretações do sexo e da materialidade do corpo, suas concepções de gênero possuem, contudo, similaridades, especialmente na leitura daquela categoria como materialização discursiva, elemento constituinte de disputas de poder possuindo, ainda, um caráter flexível, mutável e contextual.

<sup>18</sup> “the efforts made by medieval authors both within and outside the disciplines of natural philosophy and medicine to explain and label things in the terms of a binary language confirm that the two sexes did mark a profound and significant division of the world”.

<sup>19</sup> Em meados do século XIII, em detrimento do uso cada vez mais reduzido do anglo-normando, dialeto francês a circular no território insular entre os séculos XI e XIII, o inglês começa a dar sinais de vigor, aparecendo em documentos testamentários, notariais e em romances seculares, como o *King Horn*. Esse inglês, convencionalmente denominado inglês médio [*Middle English*], perpetua-se em manuscritos durante todo o século XIII ao passo que o anglo-normando decai gradativamente. Adiante, no século XIV, o inglês médio já estará estabelecido como língua de prestígio naquele território (CRANE, 1997, p.103-16).

<sup>20</sup> Sabemos que o universo cortês e os ideais de cortesia surgem em meados do século XII, no medievo francês, sendo gradativamente dispersados através de redes de sociabilidade entre as diferentes cortes nas diversas regiões do ocidente medieval, bem como através das trocas culturais, especialmente na forma literária, seja ela em vias de oralidade ou escritura. Atingindo seu apogeu na segunda metade do século XII, a cortesia assume um *status* de “vida marcada muitas vezes como utópica (...) y que, evidentemente, se tradujo, de modo implícito, en varias formas literarias e culturales” (VELASCO, 1999, p.14). Destarte, a cortesia assumirá aspectos referentes às variações culturais e regionais de cada ambiente por onde circulará e, no caso do medievo inglês e também de outros, servirá como *locus* para inúmeras narrativas gestadas sob a forma de romance, gênero que, objeto cultural por excelência nascido no seio da cortesia, representa de forma ímpar os saberes dispersados por ela.

<sup>21</sup> Cientes das problemáticas relacionadas à questão da autoria no contexto medieval e da ausência da figura autoral referente ao romance de Horn, não tomamos, desse modo, o significado do termo autor como “o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 2009, p.26).

<sup>22</sup> “in the curt and ute, and elles al abute”, v.250.

<sup>23</sup> “Horn, quath heo, wel longe / ich habbe thee luvud strong” v.307-8.

<sup>24</sup> “heo luvede so Horn child / that negh heo gan wexe wild”, v.255-5.

<sup>25</sup> “for heo gan to lure / and the sonde seide / that sik lai that maide”, v.274-76.

<sup>26</sup> “armes heo gan bughe / adun heo feol iswoghe”, v.431-2.

<sup>27</sup> “nu du hast wille thine / unbind me of my pine”, v.543-4.

<sup>28</sup> “for heo ne mighte at borde / with him speke no worde / ne noght in the halle / among the knightes alle / ne nowhar in non othere stede”, v.257-61.

<sup>29</sup> “hit nas for none gode”, v.286.

<sup>30</sup> “fel anon to grunde”, v.338.

<sup>31</sup> “the gode Kyng”, v.345.

<sup>32</sup> “Horn (...) withute strif / thu schalt have me to thi wif / Horn have of me rewthe / and plist me thi trewthe”, v.411-14

<sup>33</sup> “in herte was ful wo / and tok hire on his armes two / He gan hire for to kesse / wel ofte mid ywisse”, v.433-6

<sup>34</sup> “in arme / on Rymenhilde barme”, v.709-10

<sup>35</sup> “fule theof”, v.711

<sup>36</sup> As discussões acerca das implicações da lepra, e de sua significação simbólica, não cabem na análise aqui apresentada, uma vez que o interesse do presente estudo é o corpo feminino.

<sup>37</sup> Ressaltamos aqui que a nomenclatura *maget*, em médio-alto-alemão, está diretamente relacionada a questões biológico-funcionais, como aponta Werner König, e que, em língua portuguesa, está associada ao conceito de virgindade (KÖNIG, 2007, p.112).

<sup>38</sup> Ressaltamos que, no presente trabalho, utilizamos a edição referente ao manuscrito A, pois no manuscrito B, a menina teria doze anos.

<sup>39</sup> Em conformidade com o ideal da “*Kalokagathia*”, no qual a beleza externa é reflexo da(s) qualidade(s) interna(s).

<sup>40</sup> “mir behaget diu werlt niht sô wol”, v. 708.

<sup>41</sup> Joachim Bumke, em sua obra sobre a *Cultura cortês (Höfische Kultur)*, aponta como conceitos básicos da ordem social o direito (*Recht*), o governo (*Herrschaft*) e a condição social (*Stand*). Neste contexto, a ordem social se concretiza através da harmonia dessas categorias (BUMKE, 2002, 34-43). O que, aqui, convencionamos chamar de ordem relaciona-se diretamente ao conceito de *Stand*, pois neste esta fundamentada a existência da personagem. Uma existência baseada em concepções do feminino marcadas por discursos diversos, por vezes díspares, e que criaram modelos calcados em valores construídos discursivamente.

<sup>42</sup> Uma das principais referências acerca do tema da ironia no romance medieval é apresentado pelo germanista Dennis Howard Green. Em relação ao romance arturiano *Erec*, de Hartmann von Aue, o autor afirma que “até mesmo o estilo idealizador de Hartmann pode ser devotado para fins críticos e laudatórios, e ele pode encontrar justificativa para isso em prescrições retóricas.” (“even Hartmann’s idealising style can be devoted to critical as well as laudatory ends, and he can find justification for this in rhetorical prescriptions” (GREEN, 1980, p.34). O mesmo podemos dizer das personagens e dos comentários do narrador de *Armer Heinrich*.

<sup>43</sup> “Des tôdes genese wir / und ich verre baz dan ir”, v.853-854.

---

<sup>44</sup> “und hetet vesten mannes muot”, v.1316.

<sup>45</sup> “mînes herren zageheit”, v.1311.

<sup>46</sup> “nâch süezem lanclîbe / do besâzen sî gelîche / daz êwige rîche”, v.1514-1516.